

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 019 28/05/2007 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (28/05/07)**GRÃOS** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão Carioca¹ - R\$ 57,00-80,00 / sc de 60 kgMilho² - R\$ 16,00 / sc de 60 kgSoja² - R\$ 27,00 / sc de 60 kg**HORTALICAS**³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 6,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 10,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 9,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 12,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,50 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 14,00 / Dz

Mandioca - R\$ 8,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ xxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 10,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 15,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 7,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 15,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 30,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 0,90 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ xxx / cx 20 kg

Limão - R\$ 18,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA

Bovino

Arroba⁴ - R\$ 48,00 **Não Rastreado** e R\$ 52,00**Rastreado**Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados)⁵

- R\$ 370,00 a R\$ 380,00

Leite

Litro⁶ - Latão: R\$ 0,00 ; Tanque: R\$ 0,68Suíno⁷ - Vivo

Kg - R\$ 1,77

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,30

Carneiro⁸

Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Peixe⁹ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,60

Avestruz¹⁰ - vivo

Kg - R\$ 5,50

Recortes**Dólar baixo muda o mapa do agronegócio**

Mudou o mapa da agricultura brasileira de grãos. As regiões tradicionais produtoras do Sul, tendo como coração o Paraná, voltaram a ser mais rentáveis para exportação do que o Centro-Oeste, que durante os últimos 15 anos foi o eldorado do agronegócio em razão das terras baratas. A trajetória de queda do dólar, que na semana passada rompeu a barreira de R\$ 2, provocou o rearranjo do agronegócio e já tem reflexos na renda que circula nessas regiões.

Fonte: Correio do Estado**Preço externo garante rentabilidade**

Mesmo com a atual taxa de câmbio, cotações na CBOT garantem lucro da produção agrícola. Mesmo com o câmbio abaixo de R\$ 2, o cenário de riscos para o produtor de grãos nos próximos 18 meses se apresenta mais favorável que nos anos anteriores, quando o dólar esteve no centro da perspectiva de rentabilidade e acabou sendo o vilão da crise agrícola. O risco menor hoje se sustenta não só pelos altos preços internacionais dos grãos - sobretudo de soja e milho. Mas também porque a tendência é de continuidade de alta das cotações, sobretudo, pela nova demanda energética.

Fonte: Gazeta Mercantil**No balanço energético do etanol, cana rende 7 vezes mais que o milho**

A cada unidade de energia fóssil despendida na produção do etanol de cana-de-açúcar são produzidas 8,9 unidades de energia renovável. Trata-se do melhor balanço energético entre todos os combustíveis líquidos de biomassa do planeta. No processo de produção do etanol de milho, nos EUA, a relação é de apenas 1 por 1,3. No etanol de beterraba ou trigo dos outros países europeus, a relação é próxima de 1 por 2. No álcool de sorgo africano, a proporção é de 1 por 4. Nos diversos tipos de biodiesel, a relação fica entre 1 por 2 e 1 por 3.

Fonte: Gazeta Mercantil**Plantio de cana pode até elevar produção de grãos**

Combustível ou alimentos? Na busca por fontes alternativas e renováveis de energia, a discussão ganha força em todo o mundo. No Brasil, a preocupação tem sido em torno da rápida expansão dos plantios de cana-de-açúcar, base da produção de etanol. Especialistas avaliam que o crescimento não vai prejudicar a produção de alimentos no País. Ao contrário, justificam, "pode até elevar a produção de grãos, especialmente soja e milho, culturas usadas no sistema de rotação nas épocas de renovação dos canaviais".

Fonte: Zoonews

Embargo frustra planos de suinocultor

Preços ao produtor ficam abaixo do custo pelo aumento da oferta ao mercado interno. Os produtores de suínos estão vivendo uma nova crise, assim como em 2002, quando muitos saíram do mercado. Em reunião ontem com o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, o setor obteve a garantia da intervenção governamental.

Segundo o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), Rubens Valentini, os preços atuais do animal vivo, de R\$ 1,50 o quilo, não pagam o custo de produção, calculado para Santa Catarina em R\$ 1,80 o quilo.

"Temos consciência de que o problema é estrutural. Mas é preciso fazer alguma coisa", diz. O executivo afirmou que o ministro teria garantido a aprovação da Linha de Crédito Especial (LEC) para a indústria armazenar o produto, de crédito para a retenção de matrizes e Empréstimos do Governo Federal (EGFs). "O instrumento imediato, a intervenção direta pela compra governamental, infelizmente não pode ocorrer", diz. Isto porque os suínos não fazem parte da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).

INVESTIMENTO PERDIDO

Produtores ampliam os plantéis de suínos mas não têm acesso ao mercado externo

(Em milhões)

Estados	2002	2003	2004	2005	2006	Varição 2006 / 2002 %
Rio Grande do Sul	5,87	5,68	5,39	5,77	6,07	3,41
Santa Catarina	8,56	7,91	7,47	7,93	8,85	3,39
Paraná	6,22	5,80	5,28	5,41	5,63	-9,49
São Paulo	2,79	2,49	2,41	2,42	2,51	-10,04
Minas Gerais	4,42	3,34	3,20	3,67	4,33	-2,04
Mato Grosso do Sul	1,22	1,19	1,18	1,18	1,12	-8,20
Mato Grosso	1,77	1,70	1,70	1,80	1,87	5,65
Goiás	1,56	1,64	1,72	1,86	1,93	23,72
Outros	5,25	4,70	4,62	4,05	4,13	-21,33
BRASIL	37,66	34,46	32,98	34,10	36,44	-3,24

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarne-SC, Sindicarne-PR e Embrapa

Para o pesquisador Thiago Bernardino de Carvalho, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), a crise de hoje é reflexo de um erro de estratégia no ano passado. "O setor esperava que o embargo da Rússia, principal compradora da carne suína brasileira, caísse. O que não ocorreu", diz. Os russos autorizaram apenas o embarque do Rio Grande do Sul, terceiro maior produtor nacional. Aliado a isso, o consumo interno não cresce. "Ou seja, há um excesso de oferta", conclui Carvalho. De acordo com levantamento do Cepea/USP, desde o início do ano as cotações dos suínos caíram 20%.

Segundo o pesquisador, em 2002 o setor viveu uma crise pelo alto custo de produção, ocasião em que muitos produtores saíram do mercado, se desfazendo de matrizes. Desde então, o alojamento foi decrescente. Eram 1,59 milhão de fêmeas em 2002, chegando a 1,3 milhão em 2004. No ano passado foi a primeira vez que o alojamento voltou a crescer, atingindo 1,51 milhão de matrizes - mesmo assim, 4,9% inferior a 2002.

Para o analista da Safras & Mercado, Paulo Molinari, a situação atual é um reflexo de uma conjunção de fatores: as exportações ainda menores que de 2005, a taxa de câmbio e a demanda interna estável. "A exportação baliza o preço interno", diz. Para o analista, a solução passa pelo fim do embargo à Santa Catarina, maior produtor nacional de suínos; o setor encontrar outro grande comprador no mercado externo e haver formação de estoques.

Fonte : Gazeta Mercantil